

IMAGENS A PARTIR DA JUVENTUDE¹

Cristiane Elvira de Assis Oliveira*

Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar uma discussão acerca das imagens produzidas a partir da juventude, através de um estudo teórico sobre a temática, articulada a uma pesquisa de Doutorado em Educação. Nas diferentes décadas, a juventude foi marcada pelo contexto político, econômico, social, cultural e epistemológico e, com isso, imagens foram construídas. Atualmente, as juventudes têm mostrado o seu protagonismo e sua participação na sociedade. Compreendo juventudes, no plural, como os diversos modos de ser, estar e manifestar-se com si mesmo e com os outros no mundo. Concluo que é importante conhecer e problematizar as imagens produzidas a partir da juventude em seus contextos, o que permite pensar a prática cotidiana com os jovens. Assim, podemos seguir suas composições, produções e experiências.

Palavras-chave: Imagem. Geração. Juventude. Educação.

Atualmente, estamos vivendo momentos que têm nos trazido inquietações, incertezas, mas ao mesmo tempo emerge um sentimento de manifestar ideias, posicionamentos frente aos acontecimentos. Isso não está sendo diferente com a juventude. Esta tem feito seu movimento de reivindicação, tem expressado seus anseios por um presente e um futuro que lhes apresentem oportunidades de estudo, de trabalho e condições de viverem suas vidas com dignidade, construindo seus projetos de vida. São juventudes que têm mostrado seu protagonismo, sua participação na escola e na sociedade, com ações, com vozes ressoantes na conjuntura social, política e econômica.

Em consonância com isso, busco apresentar uma discussão acerca das imagens da juventude, que está articulada a uma pesquisa de Doutorado em Educação. Trata-se de um estudo teórico das imagens a partir da juventude, as quais foram e são construídas em nossa história.

A discussão sobre juventude tem sido muito recorrente na sociedade, tanto nas instituições sociais, como na família, na academia e na escola, quanto nos meios de comunicação e no meio político. O que tem acontecido que tem crescido a atenção dirigida aos(as) jovens nesses últimos anos? Parece que essas instituições vêm buscando considerá-los(as) nas questões que os(as) envolvem. Estar com a juventude implica ter outras experiências no mundo atual.

Abramo (2007) diz que a juventude tem sido uma categoria propícia para simbolizar os dilemas dos dias atuais nos meios de comunicação, na política e na academia. A tematização dos(as) jovens nos meios de comunicação tem-se dado de dois diferentes modos: quando se trata de produtos dirigidos a eles(as), os temas são cultura e comportamento (música, esporte, lazer, moda, estilo de vida) e quando os(as) jovens são assunto dos cadernos direcionados aos(as) adultos(as), os temas mais comuns são os relacionados aos problemas sociais

* Doutoranda em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Campus Juiz de Fora. E-mail: cristianeelvira@yahoo.com.br

(violência, crime, droga, exploração sexual) ou a medidas para resolvê-los.

Na academia, após anos, a juventude volta a ser tema de investigação e de reflexão, sobretudo, através de dissertações e de teses. A maior parte dos estudos está voltada para os sistemas e as instituições presentes na vida dos(as) jovens ou para as estruturas sociais que envolvem suas situações problemáticas. Poucos estudos enfocam o modo como os(as) próprios(as) jovens vivem e elaboram essas situações. “Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação” (ABRAMO, 2007, p. 74). É a esta linha que os meus estudos e a minha pesquisa de Doutorado em Educação estão relacionados, através dos quais busco seguir as narrativas dos(as) jovens sobre suas experiências temporais.

Dayrell (2009) propõe uma mudança no eixo da reflexão sobre a juventude, deslocando-se das instituições educativas para os sujeitos jovens, peça-chave do processo educacional, algo que a escola precisa pensar a fim de responder os desafios que os jovens alunos nos colocam. Com isso, faz-se importante que os(as) profissionais da educação pensem a respeito dos sentidos da escola expressos por seus(suas) alunos(as) e as relações que fazem com os projetos de vida, o que permite a compreensão das perspectivas de todos(as) acerca da educação oferecida.

O estudo a respeito da temática juventude faz ampliar os conhecimentos sobre essa categoria que ao mesmo tempo é geracional e é também uma condição do ser humano. A juventude, ao mesmo tempo em que é objeto de estudo, está sendo objeto de investigação. A palavra juventude, no singular, está relacionada a uma forma histórica de identificá-la e situá-la em uma cultura própria de juventude, de tal modo que foi assim utilizada por diversos(as) autores(as) de acordo com o seu tempo histórico. No momento atual, com as diferentes

composições de vida, podemos dizer juventudes, no plural.

Ao estudar as juventudes, faz-se importante resgatar o que foi feito e escrito acerca dos(as) jovens na história de nossa sociedade, pois há questionamentos muito recorrentes: quem é esta juventude? Quem é este(a) jovem? Uma questão interessante foi interrogar o que significa ser jovem não como uma pergunta geracional nem pedagógica ou disciplinar, mas investigá-la como sendo social no sentido intercultural do tempo (GARCÍA CANCLINI, 2009).

Oliveira (2012) apresentou que, até o século XII, falava-se em adultos jovens, e não em adolescentes. Na Idade Média, não havia separação entre vida e trabalho, entre socialização familiar e profissional. Com a Modernidade, houve uma necessidade de se ter conhecimentos na área técnico-científica para a produção do trabalho e aumentaram as exigências de preparação das pessoas para o campo profissional. Nesse contexto, a escola passou a representar o tempo de espera para o acesso ao trabalho formal, o que resultou na progressiva separação entre as formas de vida das crianças e dos(as) adultos(as).

Nas diferentes décadas, as juventudes foram marcadas pelo contexto político, econômico, social, cultural e epistemológico. Nos anos de 1999, Dayrell (1999) salientou que havia uma produção acadêmica sobre a juventude muito restrita no Brasil, não se constituindo uma linha de pesquisa que privilegiasse o jovem como objeto de estudo. Nem as pesquisas em educação apontavam estudos a fim de conhecer mais os(as) jovens, para os quais se destinam as atividades educativas no contexto escolar. Essa questão intensificou o meu interesse em estudar e pesquisar com as juventudes.

Ao falar de juventude na década de 1960, falava-se nos(as) jovens estudantes de classe média. Jovens empenhados em propostas de mudanças políticas,

comportamentais e de valores, envolvidos em suas instituições, em manifestações e em movimentos culturais (ABRAMO, 2007).

Posteriormente a essa década, na de 1970, houve uma grande diversidade nos modos de vestir, de falar, de se divertir e de estabelecer relações. Nessa ocasião, também, houve uma maior inserção dos(as) jovens no mercado de trabalho, o que intensificou o consumo juvenil, com destaque para a moda e o lazer. Nesse período, vigorou uma imagem romântica da juventude.

O ano de 1980 foi marcado pelos(as) jovens das camadas populares e pela diversidade de estilos. A partir desse momento, colocou-se “a necessidade de falar ‘juventudes’, no plural, designando não só as diferenças de classe e raça, mas principalmente a heterogeneidade cultural presente no meio juvenil” (DAYRELL, 1999, p. 29). Isso enfatiza os múltiplos modos de viver as juventudes.

Seguindo, uma das definições de juventude pauta-se na idade cronológica. O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2015b) considera como jovens os que têm a idade entre 15 e 29 anos. Essa definição encontra elementos relacionados à maturidade biológica e às políticas públicas, o que simplifica uma realidade vinculada aos aspectos simbólico, cultural, econômico e social que estruturam a sociedade (DAYRELL; CARRANO, 2014). O Estatuto da Juventude foi fruto da aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 65 (BRASIL, 2015b), conhecida como a PEC da Juventude, no ano de 2010, que mudou o Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal, Artigo 227 – para cuidar dos interesses da juventude, incluindo o termo jovem no que se refere ao acesso, aos direitos e às garantias fundamentais. O Estatuto da Juventude tem como objetivo regular os direitos dos jovens (BRASIL, 2015a).

Há estudiosos(as) que consideram a juventude como uma etapa rígida, como se a passagem da

juventude para a vida adulta implicasse a superação da mesma.

Nessa concepção, ainda hegemônica entre nós, a cada uma dessas etapas seria necessário adequar-se a um conjunto de normas socialmente definidas, que, associadas a um imaginário social, vão nos dizer desde o que podemos ou não fazer em cada idade, até o que vestir ou mesmo como falar (DAYRELL, 2015, p. 1).

Há uma imagem da juventude como uma fase da vida, marcada por mudanças biológicas e comportamentais, que precede a vida adulta, fundamentada em uma ideia cronológica de ser jovem. Uma transição da infância para a vida adulta. A juventude, “quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (PAIS, 1990, p. 146).

Na lógica da Modernidade, a escola colocou uma forma específica de juventude como sendo uma etapa de ênfase no desenvolvimento da vida. Nessa perspectiva, foi construída uma imagem de um(a) jovem aluno(a) comportado(a), passivo(a), estudioso(a). Aquele(a) que não faz parte dessa imagem é considerado(a) indisciplinado(a), é visto pelo lado negativo.

Pais (1990) colabora com tais entendimentos e compreende a juventude através de duas vertentes:

[...] como uma *unidade* (quando referida a uma fase da vida), como ser tomada no sentido de conjunto social obviamente diversificado. Isto é, no primeiro caso, estamos em presença de um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, principalmente definida em termos etários; no segundo caso, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes. Quase poderíamos dizer, por outras palavras, que a *juventude* ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogêneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogêneo: homogêneo se comparamos a geração dos jovens com outras gerações; heterogêneo logo que a

geração dos jovens é examinada como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros (p. 150-151, grifo do autor).

Nessas noções de juventude perpassam a ideia de uma fase da vida, com diferentes descontinuidades e rupturas que marcam a transição para a vida adulta e a ideia de um conjunto social que diferencia os(as) jovens. Assim, “torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a toma como *unidade* para o campo semântico que a toma como *diversidade*” (PAIS, 1990, p. 151, grifos do autor). Em relação a essas noções, apresento que Dayrell e Carrano (2014) consideram a juventude, ao mesmo tempo, como uma condição social e um tipo de representação. “De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida” (p. 111).

Em consonância com tais noções, a Sociologia da juventude tem como foco explorar não apenas as possíveis ou as relativas similaridades entre os(as) jovens ou grupos de jovens, mas também, e sobretudo, as diferenças sociais existentes entre eles (PAIS, 1990). A Sociologia da juventude está relacionada a duas vertentes, segundo Pais (1990, p. 140):

- a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada «fase da vida», prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida – aspectos que fariam parte de uma «cultura juvenil», específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;
- b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertencências de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais etc.

Outra imagem de juventude é a de que “ser jovem é cada vez mais concretamente (do ponto de vista social)

um estado de espírito, usufruído por alguns, capitalizado por outros, sofrido por outros tantos” (OLIVEIRA, 2014, p. 17). Alguém que tem uma vida pela frente, projetos e sonhos. Um(a) jovem a vir a ser no futuro. Ele(a) ainda não é alguém no presente, não há o vir a ser no presente e não o vive como momento legítimo de formação. Na escola, o vir a ser do(a) aluno(a) é expresso nos diplomas e nos projetos de futuro. Nessa noção futurista de juventude, o(a) jovem tende a ser visto na “perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer” (DAYRELL, 2007, p. 1.117).

Para no pensamento social e educacional uma imagem de que o(a) jovem é “aborrecente”, é aquele(a) ser grande demais para ser criança e pequeno(a) demais para ser adulto(a), é consumista, imediatista, inseguro(a), irresponsável, em razão de imagens de instabilidade emocional, irresponsabilidade, intransigência observadas em certos contextos.

Histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados «problemas sociais». Se os jovens não se esforçam por contornar esses «problemas», correm mesmo risco de serem apelidados de «irresponsáveis» ou «desinteressados» (PAIS, 1990, p. 141).

Uma imagem que expressa a juventude como um tempo de vida com problemas. Nessa vertente, “a juventude é vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade” (DAYRELL, 2003, p. 41). Tais imagens estão relacionadas a uma construção histórica e social de ser jovem. Se nos pautarmos em imagens negativas e socialmente construídas, tendemos a produzir imagens negativas de nossos(as) jovens. Outro cuidado que é preciso ter é não projetar nas gerações juvenis as lembranças, as idealizações e os valores de uma juventude idealizada em determinadas épocas em

detrimento das juventudes experienciadas no momento presente.

As gerações também expressam imagens da juventude, dizem de um tempo e como é a relação entre ambos. Elas foram se modificando ao longo da história da humanidade. Configuram demarcações temporais das pessoas e dos(as) jovens, mediante uma mesma influência cultural, política e educativa.

Primeiro veio a “geração do baby boom”, seguida por duas gerações denominadas X e Y; mais recentemente [...] anunciou-se a iminente chegada da geração Z. Todas essas mudanças geracionais foram eventos mais ou menos traumáticos; em cada caso, assinalaram uma quebra de continuidade e a necessidade de reajustes por vezes dolorosos, em função do choque entre as expectativas herdadas e aprendidas e as realidades imprevisas (BAUMAN, 2013, p. 43-44).

A geração Baby Boomers é uma geração nascida entre as décadas de 1950 e 1960, no período pós-Segunda Guerra Mundial. Um mundo que pedia estabilidade. A igreja e as grandes empresas representavam isso. O emprego podia durar uma vida inteira. Os maiores sonhos eram casar-se e ter filhos, comprar a casa própria, depois esperar por uma aposentadoria tranquila. Uma geração com uma grande diferença no modo de vida em relação ao atual das gerações Y e Z.

A geração X herdou da geração Baby Boomers um mundo mais estável, sem o medo de uma guerra. Pessoas nascidas entre os anos de 1960 e 1970 viram a ditadura militar acabar no Brasil, aproveitando um momento de liberação. Uma época na qual foi permitido divertir-se com menos culpa do que a geração anterior.

A geração Y é uma geração nascida entre a década de 1980 e o começo dos anos 1990. Seu nascimento se deu na época do boom da internet. Uma geração com vontade de conhecer o novo, estar constantemente se atualizando em um mundo que se abre com múltiplas possibilidades, que tem claro o que é pertinente para si, sendo que as escolhas se pautam no que é coerente para

cada um. São jovens que se expressam mais livres para viver e demonstrar seus interesses. Uma geração que quer conhecer culturas diferentes, viajar pelo mundo, estudar em universidades conceituadas, ter pelo menos dois filhos, ter estabilidade financeira e emocional, formar uma família que fuja ao modelo tradicional por estar mais avesso ao modelo instituído, estipulado, fixo, querendo fazer ao seu próprio modo. Essa geração tem um perfil diferente das gerações anteriores.

Hoje, para a geração Y, o interessante é ser e saber várias coisas ao mesmo tempo, em vez de esconder as diferenças, expressá-las. É essa geração que consome, que está no mercado de trabalho, em cargos de chefia, atuais empregados e futuros patrões. A maioria mora com os pais, nem sempre é por opção, é por uma qualidade de vida. É uma geração que nasceu em um período mais estável, com liberdade para mudar de emprego. Mas que vive os efeitos de uma crise econômica e política que até então não tinha vivido na história do país. É uma geração que tem tudo para encarar o que vem pela frente e deixar sua marca. O país está nas mãos desses(as) jovens.

A geração Z é uma geração de pessoas nascidas na década de 1990 até o ano de 2010. É uma geração conhecida como nativa digital, muito familiarizada com as tecnologias. A relação estabelecida com o outro no tempo presente é on-line. Em algumas famílias, falta estabelecer limites e trabalhar a responsabilidade. Por conseguinte, a relação se iguala entre os membros e há a perda de maturidade e de autoridade. A marca dessa geração é zapear, com várias opções de acesso às informações e ao mundo através da internet. São pessoas críticas, dinâmicas, que vieram ao mundo na era tecnológica, buscam práticas empreendedoras e condições de trabalho mais flexíveis. Uma geração que não sabe como é viver off-line.

As caracterizações presentes nas gerações juvenis apresentadas demarcam modos de ser jovem,

daí proponho problematizar tais imagens que buscam localizar o sujeito em um modelo de existir. Considerando as problematizações nos/dos dias atuais, digo juventudes, no plural, que expressam modos de ser, estar e manifestar-se com si mesmo e com os outros no mundo. Suas diferentes experiências temporais configuram as composições e as produções do(a) jovem, com múltiplas possibilidades de viverem a vida cotidiana. Essa imagem relaciona-se à dimensão da diversidade. Considerar a diversidade juvenil é considerar as múltiplas experiências de um tempo que não termina, que não é predeterminado, que não se constitui como fase de crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, que não é uma preparação para a vida adulta, que não possui critérios rígidos e não é uma etapa com fim. Vida juvenil e vida adulta constituem momentos em que um não exclui o outro, contudo podem coexistir.

As juventudes fazem parte do processo de constituição do sujeito, marcando a vida de cada um, cujo processo é influenciado pelos contextos vividos. As diversas imagens construídas apresentam modos múltiplos de ser jovem, levando em consideração os contextos, e faz-se importante problematizar as imagens quando se tratar das juventudes.

Torna-se necessário colocar em questão essas imagens, pois, quando arraigados nesses “modelos” socialmente construídos, corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem” (DAYRELL, 2003, p. 41).

Os(as) jovens buscam viver de forma intensa o cotidiano, fogem da monotonia, enveredam por caminhos desconhecidos, em aventuras, em experimentações, deparam-se com seus próprios limites, testam suas potencialidades, improvisam, criam, reinventam. Tudo isso contribui para o autoconhecimento. Para muitos(as) jovens, “a vida

constitui-se no movimento, em um trânsito constante entre os espaços e tempos institucionais, da obrigação, da norma e da prescrição, e aqueles intersticiais, nos quais predomina a sociabilidade, os ritos e símbolos próprios, o prazer” (DAYRELL, 2009, p. 22). É no constante movimento da vida que as composições do(a) jovem vão sendo construídas, modificadas, ressignificadas e reinventadas.

Essas composições estão articuladas com as experiências dos(as) jovens. Uma experiência como algo que nos toca e ao mesmo tempo nos modifica. A experiência como acontecimento diz respeito à emergência de algo que modifica o que está ali em termos de destino. Está relacionada ao questionamento das certezas do ser para significar o surgimento de uma novidade que inventa temporalidades.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

Nos dias atuais, penso a experiência do(a) jovem aluno(a) com o tempo presente, no qual a velocidade com que a informação se processa tem levado a temporalidades múltiplas no cotidiano escolar. No Ensino Médio, esse processamento da informação é muito dinâmico, intenso e até efêmero. Essa informação tem influenciado as maneiras de as pessoas se relacionarem e, sobretudo, tem interferido na sociabilidade e na vida cotidiana.

Hoje, estamos em meio à chamada TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, provocada pelo papel central que a microeletrônica e a tecnologia da informação assumiram nos sistemas de produção

e na maneira como as pessoas se relacionam. Vivemos um período de transformações aceleradas, que trazem novas expressões das relações de poder, mudanças na maneira de produzir, nas relações de trabalho, na sociabilidade e na vida cotidiana, além de novas configurações nas relações internacionais (KRAWCZYK, 2014, p. 80).

As mudanças nas noções *temporaispaciais* têm permitido o acesso às diversas informações de qualquer parte do mundo. Com isso, as tecnologias vêm possibilitando múltiplas formas de interação com o mundo e com o conhecimento. Que experiências o uso da tecnologia tem trazido para a vida dos(as) jovens?

Na relação entre tecnologia e experiência, podemos interagir com os(as) jovens alunos(as) com os(as) quais trabalhamos, dentro e fora da escola, seguindo como eles(as) se constroem jovens. Considerá-los(as) como interlocutores(as) nas tomadas de decisão na instituição escolar é permitir a eles(as) emitir opiniões e colaborar com as propostas que lhes dizem respeito, o que vai estimulá-los(as) à participação e ao protagonismo juvenil.

Nas situações ocorridas no cotidiano, venho percebendo que “enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir” (PERALVA, 2007, p. 25). É visível que a sociedade passa por mudanças. As lógicas vividas não são as mesmas de todos(as). Os dilemas e as perspectivas das juventudes estão inscritos em um tempo marcado pela incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança dos atributos tradicionais de ser jovem.

Sobre as imagens a partir da juventude, proponho o exercício de pensá-las que se constitui uma das ações de nossa existência. Pensamos com palavras; pensar é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, o que faz com que nos coloquemos diante de nós mesmos e diante dos outros (LARROSA, 2002).

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos (LARROSA, 2002, p. 20).

Pensemos em estratégias para auxiliar o processo educacional dos(as) alunos(as) que chegam à escola com suas juventudes, com diversas experiências, saberes e interesses, buscando ampliar os horizontes de cada um, encorajando-os e estimulando-os na busca de oportunidades. Acreditar na capacidade humana de realizar mudanças na vida é investir tanto na formação de conhecimentos para a formação geral e para construção de projetos de vida quanto na formação humana dos(as) jovens na constituição de suas identidades e temporalidades.

Trabalhar neste tempo presente com os(as) jovens requer deixar-se seguir os modos de viver, os modos de produção de vida e os modos de invenção da juventude, requer rever o mundo a partir das interrogações dos(as) jovens; requer mudar o que se mantém; requer entender que a minha lógica pode ser diferente da lógica juvenil; requer levar em consideração lógicas de pensar, de viver que são diferentes das minhas; requer tempo para olhar no rosto e escutar as palavras do outro; requer habitar a educação.

IMAGES FROM YOUTH

Abstract

This text aims to present a discussion about the images produced from youth, through a theoretical study on the subject, articulated to

a research of Doctorate in Education. In the different decades, the youth was marked by the political, economic, social, cultural and epistemological context and, with this, images were constructed. Nowadays, the youths have shown their protagonism and their participation in the society. I understand youth in the plural as the various ways of being, being and manifesting with oneself and others in the world. I conclude that it is important to know and to problematize the images produced from the youth in their contexts, which allows to think the daily practice with the young people. Thus, we can follow their compositions, productions and experiences.

Keywords: Image. Generation. Youth. Education.

LAS IMÁGENES DE LA JUVENTUD

Resumen

Este texto tiene como objetivo presentar una discusión sobre las imágenes producidas desde la juventud a través de un estudio teórico sobre el tema, articulado una investigación de doctorado en Educación. En las décadas de los jóvenes se caracterizó por política, económica, social, cultural y epistemológico y, por lo tanto, las imágenes fueron construidos. En la actualidad, los jóvenes han demostrado su papel y su participación en la sociedad. Entiendo jóvenes en plural, como las diversas formas de ser, de vivir y manifestar consigo mismo y con los demás en el mundo. Llego a la conclusión de que es importante conocer y analizar las imágenes producidas a partir de los jóvenes en sus contextos, lo que sugiere la práctica diaria con los jóvenes.

Por lo tanto, podemos seguir sus composiciones, producciones y experiencias.

Palabras clave: Imagen. Generación. Juventud. Educación.

NOTAS

- ¹ Texto apresentado no VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação, realizado na UERJ, no período de 03 a 07 de outubro de 2016.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC. ANPED, 2007. p. 73-90.

BAUMAN, Z. *Sobre educação e juventude*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL. *Emenda Constitucional nº 65*, de 13 de julho de 2010. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm>. Acesso em: 05 ago. 2015a.

_____. *Lei nº 12.852*, de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 05 ago. 2015b.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: _____; _____; MAIA, C. L. (Org.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-133.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100 - especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J. *Juventude, grupos culturais e sociabilidade*. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=JUVENTUDE,+GRUPOS+CULTURAIIS+E+SOCIALIDADE&ie=utf-8&oe=utf-8&gws_rd=cr&ei=hqL_VrqiD4SKwgSk5p34BA>. Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 30, p. 25-38, dez. 1999.

_____. Apresentação da série juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. In: *Salto para o futuro*. Juventude e escolarização: os sentidos do ensino médio. Brasília: Secretaria de Educação a Distância: MEC, nov. 2009.

_____. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.

GARCÍA CANCLINI, N. Ser diferente é desconectar-se? Sobre as culturas juvenis. In: _____. *Diferentes, desiguais e desconectados*: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 209-224.

KRAWCZYK, N. Revisitando ideias e desalentos que os professores expressam. Será que as coisas são mesmo assim? Ou é possível vê-las por outro ângulo. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). *Juventude e ensino médio*: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 75-98.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

_____. *Tremores*: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

OLIVEIRA, I. B. Pesquisa acadêmica, vida cotidiana e juventude: desafios sociológicos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30, 2007, Caxambu. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPED, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/sesoes_especiais/sessao%20especial%20%20ines%20barbosa%20-%20int.pdf>. Acesso em: 23 set. 2014.

OLIVEIRA, M. C. S. L. O. O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. 5. ed. Brasília: Ministério da Justiça, Ministério da Educação, 2012.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise social*, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (Org.). *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: UNESCO: MEC: ANPed, 2007. p. 13-27.

Enviado em 02 de dezembro de 2016.

Aprovado em 20 de fevereiro de 2017.